

INTERVENÇÃO DEPUTADO BERTO MESSIAS

PARTIDO SOCIALISTA

ENXURRADA NA ZONA NORTE DA ILHA TERCEIRA

A história dos Açores confunde-se com a ocorrência de catástrofes naturais que marcam profundamente a nossa identidade e a nossa vivência.

Nos Açores, as catástrofes naturais fazem parte do ser ilhéu. O mar, que nos dá o sustento, tira-nos vidas. A terra, que nos garante alimento, traz-nos sofrimento.

É longa a história de catástrofes naturais.

O primeiro registo conhecido data de 1522 quando um violento sismo provocou um grande escorregamento de terras nas encostas sobranceiras a Vila Franca do Campo, causando o soterramento da maior parte da vila, então capital de São Miguel. O efeito combinado do sismo e do soterramento provocou a morte a alguns milhares de pessoas.

Desde essa altura até aos dias de hoje são muitos os registos de catástrofes naturais nas Ilhas dos Açores.

Os mais presentes na nossa memória são a erupção dos Capelinhos em 1957, a crise sísmica dos Rosais, em São Jorge, em 1964, com elevados danos materiais, a crise sísmica do Pico e do Faial em 1973, o terramoto de 1980 na Terceira, São Jorge e Graciosa, o escorregamento de terras na encosta do Outeiro das Freiras, sobranceira à povoação da Ribeira Quente, ilha de São Miguel em 1997 ou o sismo do Faial, Pico e São Jorge em 1998.

Infelizmente, surge mais um registo nessa negativa cronologia muito recentemente.

Na passada madrugada do dia 15 de Dezembro de 2009 a zona norte do Concelho da Praia da Vitória foi assolada por uma forte enxurrada que deixou um rasto de destruição com altíssimos danos materiais e avultados prejuízos nas freguesias das Lajes, da Vila

Nova, das Quatro Ribeiras, de São Brás e com efeitos mais negativos na freguesia da Agualva, com dezenas de famílias atingidas e com um falecimento a lamentar.

Chegando ao local poucas horas depois do evento é difícil acreditar que não existam várias vítimas mortais, tal era o cenário de destruição encontrado.

Mas, apesar das agruras que esses maus momentos nos causam, a alma dos açorianos faz com que, a cada momento, se transforme as lágrimas em força, o suor em resistência e a dor em tenacidade.

O que não nos derruba faz-nos mais fortes.

Foi exemplar a resposta rápida e o esforço de todos na assistência às populações assoladas por este nefasto acontecimento.

Impõe-se, por isso, uma palavra de apreço e de congratulação a todas as entidades, instituições e cidadãos que rapidamente se mobilizaram no socorro às zonas atingidas.

O trabalho e a resposta imediata do Governo dos Açores, do Serviço Regional de Protecção Civil e Bombeiros dos Açores, das Forças Armadas, da Câmara Municipal da Praia da Vitória, das Juntas de Freguesia das Freguesias atingidas, dos Bombeiros Voluntários da Ilha Terceira, da Polícia de Segurança Pública, das instituições das Freguesias assoladas, das Instituições de Solidariedade Social, das organizações locais e de todos os cidadãos que se mobilizaram no apoio aos sinistrados foram um contributo determinante para minimizar os danos desta catástrofe.

Além do trabalho realizado nos momentos imediatos posteriores às enxurradas, têm-se desenvolvido várias iniciativas de angariação de fundos que devem ser realçadas.

Impõe-se uma palavra de solidariedade para com as populações atingidas, uma palavra de incentivo para os trabalhos a desenvolver no futuro e já a ser desenvolvidos para que a normalidade seja retomada o mais breve quanto possível e uma palavra de condolências à família enlutada pela perda da vida da única vítima mortal deste negativo acontecimento.

Agora é altura de seguir em frente, de olhar para o futuro e de garantir o regresso à normalidade.

É certo que estes acontecimentos são, muitas das vezes incontroláveis e imprevisíveis mas é certo, também, que é possível garantir a minimização dos danos provocados através dos instrumentos que hoje existem no âmbito da ocupação dos solos das limpezas das linhas de água ou do ordenamento do território.

As opções políticas das entidades públicas nesta matéria têm sido assentes num esforço constante no aprofundamento deste tipo de medidas.

Até porque, nos Açores, isso não se trata de meras opções políticas ou de preciosismos dos sucessivos Governos da Região Autónoma dos Açores. Trata-se, sim, de uma imposição natural decorrente das nossas especificidades.

Da mesma forma, é importante realçar que o homem tem de perceber a evidência de que a sua acção não se pode sobrepor à vontade da força da natureza.

Os temporais e essa força gigantesca da natureza não nos abatem. A nossa força e persistência são seculares. A nossa garra convoca, rapidamente, à reconstrução, à recuperação e à união.

Do sofrimento se faz entusiasmo e a dor transforma-se em tenacidade. O desespero dá-nos alento e as lágrimas enganam a aflição.

No fim, fica o sentimento de respeito por uma natureza por vezes madrastra, mas que, no fundo, nos prende a estas ilhas com uma força que não se explica. Sente-se, apenas.

Disse

Deputado Berto Messias

Horta, Sala das Sessões, 20 de Janeiro de 2010

Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores